

princípios e propósitos. Também a quer e defende o grande público por supôr garanta aos jornais a publicações de críticas aos governos, meio hábil, a seu ver, para lhe assegurar o direito efetivo de reclamar e protestar.

A comunidade em pêso bate-se, portanto, com ardor pela liberdade de imprensa, embora no fundo apenas uma centena de proprietários de jornais estejam no caso de gozá-la, o que fariam, se fosse possível. Na verdade, ninguém a frui completamente, nem os proprietários, que estariam no caso, nem os jornalistas que no caso quase estariam, nem o público que nele jamais esteve.

Ao fechar esta conferência direi que o previsto encerramento do ciclo da imprensa, não implica, conforme demonstra a minha própria argumentação, na absurda cessação do eterno. O jornalismo continuará porque a informação, que é o seu motivo, constitui o dado fundamental da existência e da evolução da humanidade. Não importam os meios de transmití-la. Foram orais, epistolares, manuscritos, impressos. Hoje são novamente orais, são figurados e também impressos. Amanhã continuarão orais e figurados, e impressos sem tipos nem rotativas. Longe de desaparecer, o jornalismo prosseguirá renovado e fortalecido, à frente do progresso estupendo do século, opulento nos seus veículos e mais célere do que nunca.

ENSAIO PARA UM ESTUDO DO SIGNIFICADO ONTOLÓGICO DA LÍNGUA

Vilém Flusser
(São Paulo)

Introdução

A despeito do grande número de avenidas de acesso que foram abertas por diversas ciências para explorar o território da língua, ela continua sendo uma mancha branca no mapa do nosso conhecimento. "Hinc sunt leones". Sentimos que tôdas essas explorações tocaram tão sômente as regiões exteriores da língua. O que foi e está sendo descoberto são as regras formais de acôrdo com as quais a língua se derrama da nossa bôca e nossa pena, e, presumivelmente, dentro da nossa consciência, isto é, a gramática e a sintaxe. Estão sendo descobertos os parentescos entre as diversas línguas e as leis que regem o desenvolvimento da língua dentro do tempo, desenvolvimento êsse que dá origem a novas línguas, isto é, a etimologia. Estão sendo estudadas as diversas camadas da língua e as relações existentes entre as camadas mais "grossas", (como a língua vernacular), e as camadas mais "sutis", (como a língua matemática), isto é, a análise lógica da língua. O problema da tradução horizontal (de uma língua para outra) e da tradução vertical (de uma camada para outra) está sendo apenas vislumbrado. A relação entre a língua no sentido restrito da palavra e essas linguagens mais sensuais nas quais a humanidade articula e que são a música e a pintura, continua praticamente inexplorada. Os aspectos mágicos, religiosos e místicos da língua, tão ativamente utilizados nas encantações, invocações e rezas, continuam envoltos em brumas espessas. O poder que a língua exerce na bôca e pena dos poetas e demagogos, portanto, o poder da língua quase despida de significado, (da língua em si, não língua símbolo), está sendo investigado do ponto de vista crítico-estético e psicológico, portanto, do lado de fora da língua. Finalmente o indisível poder que a língua exerce no nosso íntimo escapa continuamente a tôda tentativa de pesquisa. Essa língua calada formula (ou talvez é idêntica com) todos os nossos pensamentos articuláveis (ou talvez todos os nossos pensamentos "tout court"). Sentimos profundamente que pensamos em uma língua, dentro de

EM TÔDAS AS LIVRARIAS:

SOREN
KIERKEGAARD

PUBLICAÇÃO DA
REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

uma língua, uma língua. (Sintomaticamente a língua nos abandona quando queremos utilizar-nos dela contra ela). Esse sentimento vem até a nossa consciência da tamanha profundidade do nosso Eu que se apodera de nós uma vertigem quando tentamos olhar para baixo.

As grandes fontes da sabedoria humana, as visões primordiais e talvez inspiradas dos nossos mestres ancestrais, concordam em atribuir à língua uma importância básica, em concordância com o sentimento que acabo de mencionar. Basta citar palavras como "nama-rupa" (Nome-Forma) dos sábios dos Vedas, "hachem hacadoch" (Nome Santo) do Antigo Testamento, "logos" (Palavra) dos mistagogos gregos, e a frase "no comêço era o Verbo" do Nôvo Testamento. Trata-se, em todos êstes casos, de sinônimos de DEUS. Como se perdeu essa visão ontológica através e pela língua? É possível reconquistá-la? Perdeu-se, porque a mutiplicidade dos aspectos externos da língua trazidos a tona pelo progresso do conhecimento ofusca a unidade básica da língua. Poderia ser reconquistado se descobrirmos um método de fazer aparecer diante de nossa visão a língua integral em tôda a sua riqueza. Seria uma tentativa difícil. O espírito moderno é desintegrado pela ação trituradora dos conhecimentos especializados. Uma filosofia da língua assim concebida equivaleria a uma reunificação de tôdas as tendências centrífugas sob o signo central da língua. Desta forma, teria sido encontrado um foco que iluminaria com nova luz a ciência, a arte, a religião, com uma luz reveladora, conforme creio.

A instituição de uma tal filosofia está sendo preparada, inconscientemente na maioria dos casos, por todos aqueles que clamam por uma visão integral da "realidade". Está se tornando cada vez mais aparente que o divórcio entre a ciência, a ética e a estética está contribuindo para a perda do senso da realidade tão característica para o nosso tempo. A tremenda complexidade da massa dos fatos acumulados pela ciência, a falta de um "estilo" artístico e portanto de uma escala de normas estéticas geralmente aceitas, e a nossa incapacidade de estabelecer valores morais válidos para a maioria da sociedade, conseqüência da rápida decaída das religiões tradicionais, tudo isto nos priva do nosso senso de realidade. A perda dêsse senso corresponde, clinicamente, à loucura, filosoficamente ao nojo existencial, e teologicamente ao inferno. Todos aqueles que recebem essa loucura, e êsse nojo, êsse inferno, e se esforçam por evitá-lo mediante uma visão integral da "realidade" são potencialmente precursores de uma filosofia da língua, no sentido acima exposto.

Não quero afirmar, "a priori", que a "realidade" está dentro da língua e exclusivamente dentro dela. Afirmo, isto sim, que a realidade aparece exclusivamente em forma de língua. A língua, venha ela de fora ou de dentro, significa a realidade, pois, ela é, em seu conjunto, um sistema de símbolos que significam a realidade. Tudo o que os sentidos externos e o sentido introspectivo nos fornecem precisa vestir-se em trajes lingüísticos para ser apreendido e compreendido. Sensações externas e internas inarticuladas não atingem a nossa consciência e são, no melhor dos casos, realidade "in statu nascendi". Aliás, quando digo "sensações inarticuladas" já as estou articulando e falsificando. O problema de uma realidade extra-lingüística precisa, aqui, ficar em suspenso, já que é êste o problema que uma filosofia da língua deve investigar. Temos, aliás, os testemunhos do BUDA, de SANTO TOMÁS, dos místicos de tôdas as épocas e todos os povos, que afirmam terem penetrado através a língua e vislumbrando, inarticuladamente, a realidade. "O resto é silêncio". Temos por outro lado, o testemunho de Wittgenstein, (aliás uma pesquisa da língua a partir da lógica, na direção por mim entendida), que afirma ter penetrado a língua e revelado o seu caráter tautológico, portanto um misticismo às avessas. "O que não pode ser falado, precisa ser calado".

No entanto, êsses testemunhos reforçam a convicção de que a língua esconde dentro de si ou atrás de si "a realidade", ao invés de enfraquecê-la. O estudo da língua é um método excepcionalmente apto, senão o único praticável, de penetrar à "realidade" de maneira articulada, isto é, sem o recurso das visões extáticas, sejam místicas, sejam artísticas. Mas êsse estudo deve ter por objeto a língua em sua totalidade, com tôdas as suas facetas lógicas, estéticas, religiosas, enfim, deve abranger "a língua".

a) *Da tradução*

A primeira dificuldade para um estudo da língua reside na sua excessiva proximidade da mente. O primeiro passo a tomar é portanto um passo para trás, para ganhar distância. Essa distância pode ser conseguida pela comparação de línguas. Um monoglota (com permissão da palavra) está tão intimamente ligado à língua que é inconsciente do fato de pensar nela, da mesma forma que a criança não se dá conta do ar que respira. Se existisse uma única língua, possivelmente a problemática da língua nunca teria surgido à tona. Nêsse caso, provável-

mente, teria sido presumida tácitamente a identidade entre língua e pensamento, e uma correspondência ponto por ponto entre palavra e significado (entre palavra e "coisa"). Alguns diálogos platônicos contêm estudos de várias palavras que ilustram bem essa ingênua fé do monoglota. No entanto, quando uma segunda língua aparece diante de nós, surge, (a princípio surdamente), a nossa dúvida quanto ao valor ontológico absoluto da primeira, valor êsse aceito sem crítica até agora. É instrutivo observar a tenacidade com a qual o principiante se recusa a aceitar a informação de que "porta" e "door" "significam a mesma coisa". Essa tenacidade é a manifestação de um instinto primordial que receia perder a base da realidade ao admitir que duas palavras significam "a mesma coisa". No entanto, êste instinto é rapidamente suprimido, e o estudante avança para dentro da segunda língua sem maiores dúvidas ontológicas. "He takes to the air with the greatest of ease, the daring young man on the hying trapeze." Isto porque êle sobrepõe a segunda língua à primeira como uma capa de material plástico transparente. Êle fala português com vocábulos ingleses. A comicidade resultante é prova da nossa consciência de tratar-se, no caso da segunda língua, de uma fantasia carnavalesca, de uma realidade inautêntica e assumida. Quando, no entanto, a língua inglesa começa a tomar conta autenticamente da mente do estudante, ressurgem a dúvida ontológica, mas desta vez é enfrentada. A mente do estudante conseguiu uma distância da língua, pelo menos uma distância passageira, a mente salta de língua em língua, ela traduz autenticamente. A palavra alemã "Uebersetzung" a qual quer dizer "tradução" diz realmente "salto para a outra margem". Êstes saltos freqüentes de língua para língua não capacitam a mente a desprender-se da língua e pairar no nada entre as línguas, a mente como que evapora durante o salto para condensar-se novamente ao alcançar a outra margem. Mas a mente consegue a acrobacia precária de firmar-se com um pé na margem direita e com o outro na margem esquerda. Tentarei ilustrar êsse feito:

A frase: "Estou com medo da consulta que vou fazer ao dentista amanhã" é traduzida para o alemão, por exemplo, da seguinte maneira: "Ich fuerchte mich vor der morgigen Untersuchung beim Zahnarzt". A frase alemã quer dizer a mesma coisa como a portuguesa, mas realmente diz aproximadamente o seguinte: "Eu me receio diante da amanhanesca pesquisa perto do dentemédico". A situação grotesca que surge diante de uma tradução "real" pode ser ainda exagerada mediante uma retradução para o original, como segue: A frase

portuguêsa diz "realmente" em alemão: "Dabin mit Furcht der Anfrage was ich gehe machen dem Zahner morgen", o que resulta numa retradução aproximada: "Existência da primeira pessoa singular presente junto com medo pertencente à consulta o que eu estou andando fazer para o dentista".

A consideração mais superficial do problema da tradução que acabo de ilustrar um pouco maliciosamente permite as seguintes conclusões: (1) As duas frases significam a mesma realidade, mas a articulam de maneira diferente; ou (2) as duas frases significam duas realidades diferentes mas aparentadas. A primeira conclusão, aparentemente satisfatória do ponto de vista do senso comum, envolve graves dificuldades. O que ela afirma é que uma realidade inarticulável, portanto impensável, se esconde atrás das duas frases. Portanto ela afirma o não afirmável, e gira no círculo vicioso. Ou ela quebra êsse círculo e se precipita do senso comum para uma metafísica surda e muda. Devemos portanto abandonar provisoriamente essa primeira conclusão, a qual poderia ser retomada em consideração somente no caso extremo de sermos forçados pela análise da língua a ser empreendida.

A segunda conclusão possível contém duas partes altamente desagradáveis. Ela pressupõe uma diversidade de realidades, e relações de parentesco entre várias realidades. No entanto, é a partir de uma conclusão como esta que uma tentativa de penetrar o significado ontológico da língua deve ser empreendida. Não quero abandonar o meu esboço dos problemas pertencentes à tradução do ponto de vista ontológico, sem mencionar uma possibilidade de contornar êsses problemas. Essa possibilidade reside na análise lógica. Eu posso dizer o seguinte: "Que "x" seja "eu", e que "y" seja "consulta ao dentista amanhã", e que "x" seja uma função de "y" tal que "f" seja "estar com medo de ir fazer", então "xfy". A frase "xfy" é uma tradução vertical da frase original portuguesa. Através dela posso, num processo muito complexo, chegar até à frase alemã, aparentemente sem salto. No entanto, no caminho tôda a "realidade" se evaporou para condensar-se novamente quando a frase alemã fôr alcançada. Portanto, do ponto de vista ontológico, o problema não foi contornado. Posso, no entanto, afirmar que uma tradução será tanto mais próxima, quanto mais abstrata a camada da língua, e será tanto mais distante, quanto mais densa a camada. Uma tradução de uma obra matemática será portanto muito mais fiel que uma tradução de um poema lírico. Trata-se, porém, de diferenças de grau, não de diferenças qualitativas.

Em conclusão destas considerações muito superficiais sobre os problemas da tradução quero dizer o seguinte: A multiplicidade das línguas põe em dúvida a correspondência entre língua e "realidade". Foi talvez por compreender isto que a Bíblia considera a confusão de línguas como castigo divino, para evitar que a humanidade alcance pela torre de Babel (=língua única) os Céus (=realidade). A possibilidade da tradução estabelece elos entre as línguas, elos cheios de dificuldades. E a tradução possibilita a mente de tomar distância de língua e estudá-la.

b) *Testes do método da tradução*

O método da tradução como investigação de uma ontologia oculta na língua tem por finalidade a formulação da ontologia de uma língua com palavras de uma outra. Ou, por retradução, com palavras secundárias da primeira língua. Esse método deve partir da seguinte premissa: Cada língua, tomada como um todo, contém, implicitamente, um esquema de referência que informa tudo o que é pensado e falado dentro dessa língua, e este esquema é a "realidade". Na tradução esse esquema implícito se torna grotescamente explícito na segunda língua. Grotescamente, porque entra em choque com o esquema implícito na segunda língua. Sugiro que essa premissa seja aceita como "working hypothesis", já que se casa com a conclusão (2) do parágrafo antecedente.

A eficácia e fecundidade dêsse método pode ser testada na aplicação a palavras isoladas. Creio que qualquer palavra serve para demonstrar a maneira como o método funciona. No entanto, há palavras de valor ontológico eminente, e essas palavras devem revelar o funcionamento do método, mesmo se aplicado superficialmente. Proponho como primeiro teste a palavra "realidade": Ela tem suas raízes na língua latina, na palavra "res" perdida para o português, mas vou desprezar essa dificuldade, a qual tem como consequência uma qualidade arcaica e erudita da palavra português. Vou traduzir superficialmente para o alemão: "Sachlichkeit". Para quem conhece o alemão o grotesco desta tradução salta à vista. "Sachlichkeit" quer dizer muito aproximadamente "anti-sentimentalismo" ou "realismo antirromântico". Desta maneira a palavra "realidade" deixa entrever algo do seu núcleo. Abandonarei esta investigação logo na sua fase primária, já que se trata de um teste, e considerarei a palavra "Wirklichkeit" que quer dizer "realidade" em alemão. Ela vem do verbo "wirken", que quer dizer aproximadamente "surgir efeito", "funcionar", mas ori-

ginalmente "tecer". Superficialmente, e desconsiderando todos os aspectos secundários, traduzirei por "efetividade". Creio que ficou demonstrado que a realidade é algo bem diferente para quem pensa (em alemão) daquilo que é pensado em português. Creio, ainda, que o método da tradução já deu um resultado apreciável, mesmo aplicado de forma tão rudimentar como o fiz acima.

Proponho que nos detenhamos um pouco neste exemplo, para ver se o método pode ser aprofundado. Traduzi a palavra latina "res" por "Sache". Essa palavra quer dizer "coisa". Existe, em alemão, uma segunda palavra, que também quer dizer "coisa", porém não "a mesma coisa", a saber "Ding". Se eu tivesse traduzido "realidade" por "Dinglichkeit", teria aberto horizontes diferentes. A palavra coisa é irmã gêmea da palavra "causa". (Uma irmã mais humilde). A tradução de "causa" para alemão seria "Ursache" ou seja "coisa primordial". Creio que esta tradução simples ilumina tanto a palavra "coisa", como o conceito implícito da causalidade tanto em português como em alemão. Em português a cadeia da causalidade começa pela realidade (causa=coisa), em alemão a mesma cadeia acaba na realidade (efeito=Wirkung=Wirklichkeit).

Interrompo esta ordem de idéias, porque creio que a fertilidade do método neste caso ficou comprovada. Ele provoca novos avanços e novas sortidas para o desconhecido, justamente o que um método deve fazer. Deter-me-ei um instante na palavra "objeto", palavra essa que surge espontaneamente, quando falamos em "coisa", e darei, em seguida, o teste como findo. Esta palavra oculta as suas profundezas na linguagem diária, porque é praticamente latina e pode ser traduzida para o português como "jogado contra". Esta tradução por assim dizer intestina já é por si reveladora. Traduzido para o alemão, teríamos aproximadamente "Vorwurf". "Vorwurf" diz "objeto" mas quer dizer "recriminação", e assim aparece repentinamente o aspecto ético da palavra objeto. A palavra alemã que quer dizer "objeto" é "Gegenstand" ou seja "resistência". Temos portanto um mundo objetivo ativo em português, jogado contra nós, e um mundo objetivo passivo em alemão, resistente ao nosso avanço.

Abandono o teste. Utilizei, como língua-referência o alemão, por tratar-se de uma língua bastante próxima do português, mas que usa palavras que não derivam de origem latina. Se tivesse usado uma língua eslava, portanto mais afastada, as raízes obscuras das palavras portuguesas teriam sido

reveladas mais brutalmente. Se tivesse usado uma língua totalmente afastada, como o chinês ou o bantu, receio que o método teria falhado. Tão diferente deve ser a realidade dentro dessas línguas, que a tradução de palavras como "realidade", "causa", "objeto" deve ser impossível.

c) *Tradução como análise de sistemas filosóficos*

Para ilustrar de outro ângulo o funcionamento do método em discussão, virarei êsse instrumento contra duas ou três filosofias tradicionais. A premissa, "working hypothesis" estipulada no parágrafo b) exige que as chamadas "filosofias" sejam em última análise tentativas mais ou menos inconscientes de penetrar a língua, a saber aquela língua, na qual a filosofia em questão está escrita. PLATÃO seria, portanto, um pesquisador da língua grega, HUME da inglesa e assim por diante. As pretensões a uma validade universal que êsses filósofos porventura nutrem, seriam ingenuidades monoglóticas. Tentarei, muito rapidamente, sustentar esta afirmativa.

Começarei por um aspecto do sistema kantiano de categorias que considero curioso. KANT distingue, como categorias da quantidade: unidade, multiplicidade e totalidade. Para uma mente que pensa em uma língua eslava, as primeiras duas categorias são inconcebíveis. Essa mente é categoricamente organizada a perceber, conhecer, aprender (ou qualquer que seja a palavra mais apropriada): unidade, dualidade, multiplicidade organizada (até inclusive quatro), e multiplicidade amorfa (a partir de cinco). Isto sem mencionar que a unidade e dualidade têm sexo, e as multiplicidades são as sexuais, o que certamente tem importância epistemológica. Uma análise por tradução para o tcheco revelará, certamente, que as categorias kantianas são categorias da língua alemã, e não da "razão pura". — Um dos problemas centrais da epistemologia kantiana é a procura de um juízo sintético "a priori". É evidente que êste pode ocorrer (se é que ocorre) somente em línguas flexionais que formam frases. Línguas aglutinativas não podem conter juízos em nosso sentido, já que não formam frases. Línguas isolantes não podem conter lógica alguma em nosso sentido, já que lógica e gramática são conceitos interligados, e as línguas isolantes não têm gramática no nosso sentido. filosofia kantiana é portanto essencialmente uma filosofia da língua alemã.

Uma análise pela tradução da filosofia hegeliana revelaria, conforme creio, que se trata, fundamentalmente, de uma pes-

quisa da palavra "werden", (da mesma forma, aliás, como o existencialismo é uma pesquisa, quase consciente, da palavra "sein"). "Werden" é, como verbo auxiliar, o instrumento da língua alemã para formar o futuro e o passivo, e como verbo independente é traduzido, muito desajeitadamente, por "de-
vir". Em conseqüência é o futuro alemão impregnado por um aroma de passividade e evolução, a passividade por um aroma de futuro e evolução, e a evolução por um aroma de futuro e passividade. Toda filosofia hegeliana, e mais particularmente a filosofia da história hegeliana, é uma pesquisa de "werden" como evolução impregnada de passividade e de futuro. O aspecto idealista dessa filosofia encontra uma iluminação na análise superficial da palavra "Wirklichkeit = realidade" que já tentei. Inconscientemente para HEGEL a idéia é efeito e a matéria é causa. Mas como efeito é realidade (Wirklichkeit), a idéia precisa ser a tese do processo dialético (werden). As complicadas invulsões das frases hegelianas comprovam a ginástica mental necessária para ligar "Wirklichkeit" com "werden". O hegelianismo inglês, para o qual "becoming = devir" nada tem de passivo, é uma caricatura. "It is not becoming = não é lá muito bonito e apropriado".

O marxismo, essa heresia hegeliana, se torna (devém) explosivo em sua dialética interna, quando traduzido para o eslavo. Em tcheco (e presumivelmente também em russo) "devir" é traduzido por "stát se", isto é "parar-se". Uma evolução estática portanto, o que é uma bela ilustração para uma dialética interna. Por enquanto os filósofos marxistas pensam, aparentemente, em alemão, mas o prospecto de uma eventual tradução autêntica de MARX para o russo é uma visão terrificante.

Resisto à tentativa de multiplicar a experiência e aplicar o método da tradução a outras filosofias. A mera contemplação dessa aplicação a SCHOPENHAUER (Vorstellung), NIETZSCHE (Macht), DEWEY (to make seuse), BERGSON (élan) HEIDEGGER (Entwurf, Ueberholen), SARTRE (mauvaise foi), CAMUS (quand-même) dá gosto. Para nem falar dos filósofos gregos, cujas palavras provavelmente já não sabemos sorver a fundo: physis não é natureza, hyle não é substância, ontá não são seres, aletheia não é verdade. Aquilo que quiz demonstrar já ficou estabelecido: O método da tradução aplicado contra a filosofia tradicional, a ilumina com luz penetrante, abrindo novas perspectivas sobre a ontologia escondida consciente — ou inconscientemente pelos filósofos.

d). *Tradução como análise de esquemas implícitos nas línguas*

Conforme disse, a finalidade do método da tradução é a expressão dos esquemas de referência implícitos em toda língua com palavras de outra língua. Evidentemente se trata de uma obra de tamanhas dimensões que mobilizaria gerações de pesquisadores para ser realizada. Tentarei dar uma idéia vaga dessa tarefa. Para tanto considerarei um único traço do esquema implícito, e mesmo este traço considerarei muito superficialmente e em muito poucas línguas: o tempo. Chamo a atenção para a curiosa circunstância de que em nossas línguas ocidentais somente verbos estão dentro do tempo; mas como esta circunstância prevalece em todas as línguas sob estudo, resolvi ignorá-la.

Falarei primeiro do futuro e começarei pelo futuro alemão, porque a palavra "werden" já foi ligeiramente discutida. "Escreverei" quer dizer em alemão "ich werde schreiben" isto é "torno-me (ou devenho) escrever". Além das qualidades evolutivas e passivas já mencionadas, que este futuro encerra, é evidente que ele engole o sujeito. Tornando-me "escrever" perco a minha identidade para fundir-me com o "escrever". O futuro é uma síntese entre sujeito e atividade. Penso que este aspecto do futuro alemão requer uma análise minuciosa para a compreensão do misticismo alemão: "Im Fall du willst mehr lesen, dann werde selbst die Schrift und werde selbst das Wesen (ANGELUS SILESIUS) = Caso queres continuar lendo, torna-te tu mesmo letra e tu mesmo essência". O futuro inglês é radicalmente diferente. Distingue entre a primeira pessoa e as restantes. "Escreverei" quer dizer em inglês "I shall write" isto é "devo escrever". "Escreverá" quer dizer "he will write" isto é "ele quer escrever". O futuro da primeira pessoa é uma obrigação, o das demais é um ato de vontade, e todo o complexo do futuro é banhado numa atmosfera da ética. Não me atrevo a analisar aqui a diferença que a língua inglesa estabelece entre a primeira e as demais pessoas, mas a considero de suma importância epistemológica e ontológica. A tendência do idealismo inglês para o solipsismo deve ter aqui uma das suas raízes. O indeterminismo e liberalismo do protestantismo anglo-saxão (em contraste com o determinismo e antiliberalismo do protestantismo alemão) deve ter ligações subterrâneas com o futuro inglês em "shall=dever por obrigação e "will=querer". Também este futuro clama por uma análise minuciosa. Nas línguas eslavas há uma infinidade de futuros, e me vejo diante de um "embarras de richesses" ao tentar traduzir "escreverei"

para o tcheco. "Napísi", "dopísi", "zapísi" "pripísi" e assim em diante. Todas estas formas são gramaticalmente presentes, mas logicamente futuras. "Napísi" por exemplo diz "escrevo sobre" e quer dizer "escreverei". O futuro em tcheco surge quando o presente adquire uma finalidade, um telos. "escrever sobre" tem um telos, a saber "sobre". Este futuro surge tão imperceptivelmente do presente que a forma gramatical do presente é preservada. Algo deste aroma do futuro pode ser captado muito aproximadamente na frase portuguesa "amanhã vou à cidade". Existe, no entanto, outra forma do futuro em tcheco, e "escreverei" pode ser traduzido como "budu psát" isto é "serei escrever". São dois futuros completamente diversos e a substituição de um pelo outro é totalmente impossível. Este segundo futuro é muito mais fatalista de que o próprio futuro alemão. É um futuro predestinado. Uma filosofia eslava, que ainda não surgiu, deverá tentar conciliar esses dois futuros completamente divergentes. Finalmente considerarei o futuro português, o qual dispõe de duas formas substituíveis uma pela outra. A primeira, a erudita, oficializada e levemente arcaica: "escreverei", isto é, retraduzido "tenho escrever", e a outra em vias de ser oficializada: "vou escrever", a qual, por relativamente nova, não precisa ser retraduzida. Ela ainda conserva visível a sua marca. O primeiro futuro é uma propriedade do presente, um acidente, para falar escolasticamente. Tenho côr, pêso, volume, e tenho futuro. Este aspecto acidental e estático do futuro está sendo abandonado a favor de um aspecto dinâmico do "vou escrever". Trata-se de uma revolução autêntica da ontologia da língua portuguesa (e de várias outras línguas latinas).

Interrompo aqui a minha tentativa de uma análise do futuro pela tradução, porque reconheço ser ela superficial demais para trazer resultado. O futuro em "escreverei" por exemplo não encerra somente o aspecto de propriedade, mas subentende também o aspecto da obrigação (hei escrever = hei de escrever). O fato do verbo auxiliar "haver" estar mascarado dentro desta forma precisa ser tomado em consideração, e também o fato do verbo "haver" ter sido substituído pelo verbo "ter" no uso da língua. A diferença entre "haver=possuir" e "ter=segurar na mão" exige uma análise paciente. Enfim, a tradução como análise do esquema implícito na língua é um processo árduo e demorado.

Estou, entretanto, capacitado, de concluir o seguinte da tentativa por mim empreendida: Uma análise superficial e ligeira revela que o futuro implícito na língua alemã difere essencialmente do futuro da língua inglesa, tcheca e portu-

guêsa, de modo que quando penso em alemão penso um futuro diferente. Uma análise do presente ou do passado revelaria exatamente o mesmo fato. Pensemos, por exemplo, nos passados portugueses formados com o verbo "ter" (tenho escrito) em contraste com o passado tcheco formado pelo verbo "ser" ("escrevi-psal jsem" i. e. "escrevi sou"). O tempo, como um todo, é algo diferente em cada língua, a mente é "categòricamente" diferente quando pensa em tempo nas diversas línguas. Essas diferenças não apareceram com suficiente brutalidade nos exemplos por mim escolhidos, porque me limitei a línguas muito próximas uma da outra. Nas línguas semíticas, por exemplo, não existe o presente (hebraico: "escrevo = ani cotev" i. e. "eu escrevão"), e nas línguas esquimó aparentemente não existe tempo no nosso sentido. O tempo é revelado, portanto, não como algo objetivo (isto é como algo extralinguisticamente "real"), nem como uma "categoria" ou "intuição" da razão humana, mas como um esquema implícito em algumas línguas.

O que é verdade do tempo, não é menos verdade de todos os conceitos que infestam a epistemologia, ontologia e metafísica tradicional. A atividade e passividade com todos os seus estágios intermediários varia de língua em língua, e o conceito (e portanto "a coisa") falta em muitas línguas. A diferença entre o real, o irreal e o potencial é produto de algumas línguas, varia de acôrdo com a língua, e falta em muitas. A famosa e famigerada discussão da "substância" e dos "acidentes" que permeia tôda a filosofia a partir dos gregos até praticamente os nossos dias é uma discussão entre surdos, já que as várias línguas ou fixam a diferença entre substantivo e adjetivo, ou permitem flutuações adjetivando substantivos, substantivando adjetivos, verbos e até preposições e cúpulas, ou ignoram a diferença, ou são alheias ao próprio conceito "substância". Todo o conjunto do "não-Eu", do "mundo" ou é caótico e amorfo, como nas línguas aglutinantes, ou é organizado e cósmico, como nas línguas gramaticais, ou é composto de pontos isolados, reunidos num todo estético, como nas línguas isolantes. A distinção entre o Eu e o mundo, e portanto todo problema de conhecimento, falta em línguas como diversas australianas que desconhecem o conceito "eu". (Um paralelo aproximado pode ser observado em línguas infantis que usam a terceira pessoa para designar aquêle quem fala). Uma análise das línguas através o método de tradução revelará que a "realidade" em tôdas as suas formas e todos os seus aspectos é dada pela língua dentro da qual pensamos.

e) *Do aistheton da língua*

O método da tradução, por possante que seja, não é, entretanto, suficiente para penetrar até o âmago da língua. Consideremos, por exemplo, a tradução da frase "Acheronta movebo" por "remexerei mundos e fundos". Ou a tradução da frase "Les sanglots longs des violons de l'automne" por "os soluços compridos dos violinos de outono". As traduções são tão grotescas quanto as que ocorrem no parágrafo (a), mas por razão diferente. Nestas traduções não se modificou tanto o significado da frase, mas a sua fragrância. Isto revela que a língua não é somente um conjunto de símbolos, mas tem uma vida própria, sem referência a algo alheio a ela. Um símbolo significa "algo", entende "algo", aponta com o dedo para "algo", e o método da tradução revela, justamente, a dubiosidade dêste "algo", no caso da língua tomada como simbólica. Mas esse método não afeta o aspecto imediato da língua. Eu tenho dito que a tradução representa um passo para trás, que nós nos afastamos da língua quando traduzimos. Agora é preciso retomar um contato íntimo com a língua, se queremos apalpar-lhe a essência, o eidos. Para tanto existe um método, a saber o método da fenomenologia husserliana. É preciso, em outros termos, inclinar o ouvido pacientemente e sem preconceitos criados pelas ciências, para escutar e auscultar as palavras, tais quais brotam do nosso íntimo, em tôda a sua tremenda riqueza de double-entendre, de ligações inconscientes com outras palavras, de associações musicais, enfim, é preciso deixar a palavra ser ela mesma.

Isto é uma tarefa muito mais difícil de que aparece a primeira vista. Quando confrontados com uma palavra somos automaticamente tentados a perguntar, o que ela significa. É justamente o tipo de pergunta que devemos suprimir, se queremos seguir o método proposto. É preciso reconquistar uma ingenuidade em vista da palavra, e isto exige uma dura disciplina da nossa mente. Talvez a tarefa seja um pouco facilitada se fôr comparada com a nossa atitude diante de uma pintura dita "abstrata". Somos, a princípio, tentados a perguntar, o que o quadro significa até que conseguimos disciplinar-nos a ponto de aceitá-lo tal qual é, e assim êle se abre diante de nós passo por passo. Mais instrutivo ainda é o paralelo com a maneira pela qual sorvemos a música. Deixamos que ela tome posse de nossa mente, de maneira que ela se funde com nossa mente tão intimamente que é impossível dizer se a mente se abre para a música, ou a música para a mente. É desta maneira que é preciso investigar a língua, como se ela fôsse mú-

sica ou pintura. E, pensando bem, não é ela justamente isto, a saber música e pintura? As fronteiras entre a música e a língua, e entre a língua e a pintura são imprecisas e, vistas deste ângulo, são a música e a pintura nada mais de que casos extremos da língua no sentido restrito. Os poetas ocidentais moram nas regiões limítrofes entre língua e música, e os poetas chineses (e os chamados poetas concretistas) moram nas regiões limítrofes entre língua e pintura. Antes de tentar aplicar o método fenomenológico contra a língua, tentarei uma excursão rápida para essas regiões perigosas.

f) *Da poesia*

A palavra alemã para "poesia" é "Dichtung", isto é "densificação" ou "impermeabilização". O poeta é aquele entre nós que tem o dom de adensar a rede da língua, de torná-la de tal modo densa, que a realidade salta aos olhos a partir da superfície da língua, como os peixes saltam a bordo do barco na superfície de uma rede de pesca recolhida. A rede da língua na poesia se torna impermeável a toda investigação racional, pois que essa investigação tende a afrouxar a rede e destruir a poesia. A poesia nos fornece uma realidade imediata, não pelo que a sua língua significa, mas pelo que é. Os grandes poetas são grandes não pelo que dizem, mas pelo que falam. Seria, no entanto, uma falsificação dos fatos, se eu fôsse afirmar que não há ligação entre o significado e a essência da língua poética, e nisso reside, justamente, a limitação da poesia. O poeta continua, até certo ponto, escravo do significado das palavras. O dadaísmo e as poesias "concretas" são, a meu ver, tentativas inautênticas de escapar a esta limitação imposta pela própria natureza da poesia. Os antigos, que tinham uma compreensão muito mais íntima da língua do que nós (por terem sido mais ingênuos), sabiam que os poetas eram "bôcas dos deuses", mas que, quando o deus falava imediatamente, isto é, por um oráculo, não falava poeticamente, mas em palavras sem significado (em "línguas"). Os profetas hebraicos, que eram os poetas dos judeus antigos, falavam em linguagem poética, eram "bôcas de DEUS", as suas profecias começaram por "DEUS fala". Mas o único homem através do qual DEUS falou imediatamente MOISÉS queimou sua língua com brasas e balbuciava.

A poesia é, portanto, uma revelação da realidade imediata, da realidade da língua em si, mas uma revelação limitada pelo significado das palavras. Essa limitação é, no entanto, ultrapassada na música ocidental e na pintura chinesa. A escrita

ocidental, o alfabeto, é uma espécie de anotação musical, ela fixa o som da língua. A música ocidental é, portanto, o aperfeiçoamento da nossa escrita, ela é a língua ocidental despida de todo significado, a língua em si, o núcleo da língua, a realidade. A escrita chinesa, os ideogramas, é uma espécie de anotação pictorial, ela fixa a imagem da língua. A pintura chinesa, e mais especialmente a pintura "ch'an = Zen", é, portanto, o aperfeiçoamento da escrita chinesa, ela é a língua chinesa despida de todo significado, a realidade. A poesia ocidental é uma música "in nascendi", ela quer ser lida em voz alta. A poesia chinesa é uma pintura "in statu nascendi", ela quer ser vista. A música é a maior contribuição do Ocidente para a viagem da humanidade até a "realidade", e a pintura é a maior contribuição chinesa.

Estas considerações não são enfraquecidas, mas reforçadas pela circunstância de que a criação poética, musical e pictorial obedece a regras fixas. Isto não é limitação, mas manifesta a origem da arte na língua. As regras estéticas são regras implicitamente contidas na língua dentro da qual pensamos. Seria tarefa do método fenomenológico de investigação, desvendar essas regras. A arte nos proporciona um contato direto com a realidade, (e nisto ela é muito próxima ou idêntica à visão mística) justamente por ser regida pelas regras da língua. Os artistas estão perto de "DEUS" por estarem perto do centro da língua.

g) *Tentativa de aplicar o método fenomenológico*

A ingenuidade, a falta de preconceitos, a repressão da busca do significado são condições da aplicação do método a ser aplicado. Estas condições são preenchidas automaticamente, sem o menor esforço de minha parte, quando me encontro diante de uma língua que me é totalmente estranha. Se abro o rádio nas ondas curtas e escuto o locutor de Adis Abeba, ou se abro um livro escrito em tibetano, tenho a vivência, musical e pictorial, o "aistheton" da língua. O que se apresenta diante de mim é um conjunto de fenômenos audíveis ou visíveis que tem a marca da organização, não é um mingau amorfo. Distingo uma certa qualidade rítmica nestes fenômenos, e a utilização de pausas e lacunas. Ganho a impressão de que cada parte do conjunto diante de mim tem uma função que se enquadra no todo. Estou, em outras palavras, diante de um organismo vivo ou diante de uma obra de arte. Em consequência, desperta o meu interesse em forma de simpatia ou antipatia. Sinto que se trata de um cosmos alheio ao meu, mas

de um cosmos acessível, um cosmos que pode ser apreendido. Distingo certas qualidades estéticas nêsse cosmos: êle é duro ou suave, tem um fluxo rápido ou vagaroso, tem formas agudas ou arredondadas, é monótono ou variado. Sinto que tôdas estas qualidades são manifestações de uma dinâmica inerente ao conjunto, são manifestações da essência do conjunto. Cada parte isolada do conjunto participa dessa essência, é por ela impregnada. O conjunto é como que pervadido por um perfume, e êste perfume dá autenticidade e realidade a cada parte. Esta autenticidade e realidade faz com que eu considere o conjunto belo. É possível que êste perfume e esta beleza não me sejam aparentes à primeira vista, e que o conjunto se me apresente, de início, caótico e desorganizado. Terei então a impressão de barbaridade e feiura. Mas com um pouco de paciência descobrirei o perfume. Tôda língua é bela.

Êste exercício mental pode agora ser aplicado a uma língua que conheço, por exemplo, à língua portuguesa. Mas desta vez, ao invés de dirigir a minha atenção para fora, dirijo-a para a língua tal qual se derrama no centro do meu eu. Desta forma descobrirei êsse perfume dentro de mim, descobrirei a minha "portuguezidade". Verificarei que tudo o que penso, quando penso em português, está impregnado dessa portuguezidade. Todos os meus conceitos e valores, quando pensados em português, são variações sôbre o tema básico da portuguezidade. Quando penso em inglês, tudo muda de aroma, como que por encanto. Um salto muito mais fundamental do que aquêle que descrevi na tradução é feito por minha mente, quando me transporto de língua para língua. O salto revelado pela tradução é um salto epistemológico, com êle mudo de um sistema de conhecimento para um outro. Mas o salto revelado agora, pela análise fenomenológica, é um salto total, uma mudança de todo o "habitus" da mente. Não há possibilidade de elo, de tradução entre um mundo e o outro. Fundamentalmente, essencialmente, trata-se de um nôvo nascimento, de uma nova origem, quando salto de língua para língua. A palavra alemã para "origem" é "Ursprung", isto é, "salto primordial". Desta forma a frase: "Vivemos tantas vêzes, quantas línguas falamos" adquire o seu verdadeiro significado.

Tôda frase, tôda palavra portuguesa está impregnada desta essência dificilmente articulável, claramente perceptível e totalmente intraduzível. É neste aspecto que a língua se aproxima de sua fronteira. Ela se recusa a ser explicada e discutida em palavras. É intuitivamente, com simpatia, que mais facilmente nos aproximamos dela. A despeito disto vou tentar ilustrar o que estou querendo dizer:

Analisemos a palavra saudade, tão típica da variante brasileira da língua portuguesa. Talvez a qualidade "essencial" da língua se torne mais aparente. Trata-se de uma palavra suave, mole e meiga, que banha a nossa língua e nosso ouvido em suas vogais mornas. Está carregada de uma doçura pesada, dolente, triste, cansada, desesperada. Dentro dela treme, apenas perceptível, a palavra latina "salus" com todos os seus derivados, como saúde e salvação perdidas. A palavra chora e canta a salvação perdida em tôdas as suas formas: a roça perdida, Portugal perdido, Angola perdida, o paraíso perdido, a alma perdida. Ela é o choro e o canto do exílio, do estar abandonado por DEUS e pelo mundo. Ela acompanha o caminho a partir do algo perdido em direção do nada inevitável, um caminho percorrido com rosto voltado para trás, a decaída existencial. "Saudade" é a angústia existencial em sua forma portuguesa. Ela chora e canta, porque em português "choro" é canto.

Não sei se muitos concordarão com tudo que acabo de dizer nesta análise. É típico desta luta com a palavra que ela trás resultados subjetivos. No entanto, espero ter capturado um pouco do aroma da palavra "saudade". Há um pouco da saudade em tôda palavra portuguesa, porque há um pouco de tôda palavra portuguesa em cada palavra portuguesa.

Acho que se tornou óbvio no curso desta investigação que a dificuldade do método fenomenológico quando aplicado à língua não reside tanto na obtenção de resultados, mas na articulação dêstes resultados. A língua está sendo forçada a se virar contra si mesma. O "eidos" da língua aparece na análise fenomenológica, e êste é, por definição, um horizonte da língua. Repito que estamos nos aproximando daquelas regiões exploradas por WITTGENSTEIN, aonde a língua se cala por ser tanto língua.

h) *Uma ou duas palavras analisadas superficialmente*

Não há, entretanto, necessidade, de aplicar o método fenomenológico de forma tão totalitária que nos conduza diretamente a zonas de silêncio. Êle dará resultados quase perfeitamente articuláveis quando dirigido contra manifestações isoladas da língua. Êle pode ser utilizado como descobridor de palavras autênticas e inautênticas, e de todos os estágios intermediários entre êsses polos. Êle pode ser utilizado como detector das camadas da língua. A camada da autenticidade conterà palavras como "fé" ou "irmão" e estará impregnada do aroma da língua. Camadas inautênticas contereão palavras como "semi-

pelagianismo" ou "neo-surrealismo" e o aroma da língua, a "realidade", estará nelas quase evaporado. A caça da autenticidade organizada em grande escala pela filosofia existencial se revela portanto, sob análise, como esforço de retraduzir verticalmente as camadas esparsas da língua para a poesia. HEIDEGGER, o mais perspicaz dos caçadores, apela, portanto, continuamente para os poetas, HOELDERLIN e RILKE, para citar dois exemplos. Se contemplamos, entretanto, os monstros verbais criados por esses filósofos, duvidamos da autenticidade, da caça. Os grandes pensadores da humanidade, aqueles que se apoderam da nossa mente pela força de sua autenticidade, como PLATÃO e NIETZSCHE, (para citar um exemplo antigo e nôvo), são filósofos por serem poetas.

Como segundo e último exemplo do método em questão sugiro a palavra "diabo". Se faço ressoar esta palavra dentro de mim, sinto que um dos centros vitais da língua se põe a dobrar como um sino longínquo. Aquêla par de consonantes "d" e "b" dúbios e fugazes, prontos a se tornarem "t" e "v", ou "th" e "f" à menor provocação, aquêla ditongo ambíguo e multivalente "ia" que os une, testemunham que se trata de uma palavra primordial, de um daqueles sons misteriosos e sobrecarregados de realidade dos quais brota a língua. (Tão criadora é esta palavra com seu poder poético, que me induziu, inconscientemente, a formular as palavras "dobrar", "dúbio" e "ditongo", portanto variações sobre si mesma, em minha tentativa modesta de aproximar-me dela). A etimologia, esta tentativa formal de "explicar" a língua, nos conta que a sílaba primordial "dev" deu origem, entre outras, às palavras "diabo" e "deus". Sabemos que em sânscrito a palavra "deva" quer dizer "deus", e que em avesta, língua gêmea do sânscrito, a mesma palavra quer dizer "diabo". Não necessitamos, entretanto, dessas informações externas para sentir que dentro desta palavra se esconde, e através dela se manifesta, uma realidade imediata tão densa que encerra em si toda dialética, "diabo" provoca "deus". Tão potente em poesia é esta sílaba "dev" que se aproxima da música. Quando pensamos "diabo" estamos quase cantando. São poucas essas sílabas primordiais. Uma delas, por exemplo, é "kel" ou "sel" (k é igual a s), que deu origem ao alemão "Heil=salvação" e "Hoelle=inferno", e ao inglês "holy=santo".

Abandono, premido pela intenção deste trabalho, esta ordem de idéias, para tentar resumir o seguinte: O método da análise fenomenológica, da observação e absorção paciente da palavra, "sine ira et studio", e sem preconceito, revela o poder ontológico da língua em si, da língua sem significado,

tomada não-simbolicamente. A dificuldade do método reside na articulação dos resultados obtidos, na obstinação da língua de se virar contra si mesma.

i) *Da magia das palavras*

A discussão da palavra "diabo" revelou uma qualidade que, por falta de uma terminologia melhor, quero chamar de "magia" ou "charme". Toda palavra tem esta capacidade de evocar e provocar o indizível (isto é chamar para cá, chamar para o nosso encontro), já que toda palavra chama. Este poder evocativo e provocativo da língua pode ser observado bem na demagogia, na qual as palavras são utilizadas mágicamente, quase despidas de significado. Esse poder nada tem em comum com o poder poético da língua, os discursos demagógicos não são obras de poesia. A poesia manifesta a realidade dentro da língua, a magia provoca pela língua e através a língua o fundo apenas articulado, a raiz da língua. Há, de acordo com o testemunho dos antigos e dos orientais, palavras extraordinariamente carregadas deste poder, os tibetanos o chamam de "iapa". A mais importante, a central dessas palavras é "Om" ou "Hum", que tomou, no Ocidente, a forma enfraquecida de "amem". Esta palavra não tem significado, portanto não é simbólica. Tampouco esconde uma realidade em si, não é uma palavra ontológica. É um grunhido ou um sinal desenhado (mantra) que provoca a realidade, e o faz mecanicamente. A reza tibetana "Om mani padme hum" traduzida grotescamente por "Om joia no lotus hum" pode ser produzida maquinalmente num moinho de rezas e terá, (conforme nos dizem) o mesmo resultado. No Ocidente, muito menos familiarizado com este aspecto da língua, podem observar os mesmos moinhos de reza nas igrejas em forma de mulheres declamando mecanicamente rezas latinas cujo significado ignoram. O fato de nada sabermos e nada quereremos saber deste aspecto da língua, e o fato de nossa conseqüente inclinação para ridicularizar este aspecto, em nada modifica a influência que ele tem sobre as nossas mentes. (Bist du beschaenkt, dass fremdes Wort dich stoert, willst du nur hoeren, was du schon gehoert? (FAUST) = és tapado que palavra estranha te incomoda, queres ouvir só aquilo que já ouvistes?) Creio que se trata de um vasto campo virgem para investigação, mas não creio que este campo cederá a uma investigação científica no sentido restrito da palavra. Tenho a impressão que essa investigação deve partir da própria língua, para tornar-se pertinente ao problema. Não será por estudos psicológicos, etnológicos ou econômico-sociais

que penetraremos para o problema do "Om", mas por estudos da língua tibetana. E êsse estudo deve vir de dentro do tibetano, e não a partir de uma pressuposta superioridade nossa, fruto de uma ingenuidade monoglótica. Confesso que desconheço o método de uma investigação apropriada, salvo o método pouco prático de o investigador tornar-se lama. (no sentido tibetano da palavra, bem entendido).

Há um outro complexo de problemas que precisa ser mencionado neste contexto: as línguas santas. Tocarei nêle muito de leve e com tôda reserva. O Antigo Testamento, ou pelo menos trechos dêle, não foi escrito por mão humana, ou, se o foi, essa mão era conduzida de fora (isto de acôrdo com a fé dos judeus e, em grau menor, dos cristãos). O hebraico está portanto impregnado de santidade, é uma língua santa a tal ponto, que é vedado aos judeus utilizar-se dela com cabeça descoberta. O Alcorão é (de acôrdo com a fé islâmica) a Palavra divina, êle é o Verbo materializado, o Filho de DEUS, para falarmos em têrmos cristãos. O árabe é portanto uma língua santa, (isto para citar sômente dois exemplos). Mesmo que não participemos dessas fês, sentimos um poder dessas línguas, completamente independente do significado e da beleza poética, um poder inspirado, até por intermédio de traduções. Quem conhece um pouco de hebraico ou árabe fica perplexo diante dêsse aspecto da língua. Há, no entanto, uma tradução da Bíblia como que inspirada em segundo grau, a King James' Bible. Através dela podemos captar muito remotamente algo dessa qualidade. Dou como exemplo, sem me atrever a uma análise, a seguinte frase, a qual em significado ou poesia é insignificante, mas a qual emana uma magia, um "charme" indizível para uma mente aberta: "Observe the Shabbath to keep it holy = observe o sábadô para mantê-lo santo".

Trata-se de uma frase prosáica, que poderia quase fazer par de um código civil. No entanto, há como que uma luz ao redor desta frase. Diria que se trata da luz da autenticidade.

Não sei se uma investigação dêste aspecto da língua é possível. Simplesmente exponho o problema porque existe. Uma visão integral da língua exige que êle seja reconhecido. Com esta consideração abandono o tema.

Conclusão

A finalidade dêste ensaio era tripla: (a) expôr alguns aspectos da língua geralmente ignorados ou suprimidos, (b)

sugerir um ou dois métodos para a investigação dêesses aspectos e dar uns poucos exemplos de sua aplicação, e (c) aventurarei a tese de que uma filosofia da língua, baseada nestes métodos e outros similares, e enfrentando êstes aspectos e outros similares, se conduziria a uma visão integral da "realidade". Tendo estas três metas em mente, resolvi ignorar o mais possível as investigações da língua que estão sendo feitas atualmente. Tentei pô-las entre parentesis, para falar como HUSSERL. Desconsiderei portanto a língua como fenômeno histórico, como fenômeno social, como meio de comunicação, desconsiderei o problema (ou pseudo-problema) da origem da língua, não me deixei envolver numa discussão do conceito "símbolo", ignorei a semântica no sentido americano desta palavra, lutei por evitar a atitude formalista e logicista vis-à-vis à língua do círculo de Viena, esqueci tôdas as filosofias da língua explícitas.

Esta minha resolução forçou-me a abrir minhas próprias trilhas. Acredito que tôdas essas investigações por mim mencionadas ou não mencionadas têm um papel importante, mas um papel a ser desempenhado depois da conquista de uma visão imediata, ingênua, autêntica da língua. Atualmente sômente ajudam a ofuscar essa visão, e não conseguimos encher a floresta através de tantas árvores.

No decurso dêste ensaio tornou-se cada vez mais aparente para mim (e talvez também para o leitor) que a língua é o lugar geométrico do Eu e do não-Eu, ou, em outras palavras, ela é Eu vista de fora para dentro, e não-Eu vista de dentro para fora. O problema é, simplesmente, o seguinte: há algum substrato abaixo do Eu linguístico, um Eu pré-linguístico? E há algum substrato abaixo do não-Eu linguístico, um não-Eu pré-linguístico? Ou: há algo inarticulado dentro de mim? E há algo inarticulável fora de mim? Êste problema é imensamente complicado pela multiplicidade de línguas e pela possibilidade da tradução entre elas.

Lamento não ter podido ilustrar esta interpenetração do Eu e do não-Eu dentro da língua com a ajuda da matemática. Isto exigiria um ensaio a parte. Ê, no entanto, evidente, que as regras matemáticas, as quais são essencialmente as leis da gramática, são a articulação das leis da "natureza", porque a "natureza" é real sômente dentro da língua. As ciências ditas exatas descobrem a língua no fundo dos fenômenos. Repito que lamento não ter considerado êste aspecto do problema, mas teria traído a linha da minha argumentação, se o tivesse feito. A linha da minha argumentação era introspectiva.

O problema do "algo real" que talvez paire no lado de lá e de cá da língua, formando por assim dizer os dois extremos

da língua, ficou sem resposta, mas foi iluminado pelas três qualidades da língua que foram discutidas: (1) os esquemas epistemológicos implícitos em cada língua demonstram que este "algo extralinguístico" é inacessível, (se é que é), (2) a qualidade da língua que chamei de poética nos capacita de entrar em contato com a realidade imediatamente, e não por intermédio de símbolos, e esta realidade é a própria língua, e (3) a qualidade da língua que chamei de mágica provoca a realidade pela língua dentro da língua.

A nossa mente está, em grau maior ou menor, aberta para a língua. Chamamos essa aptidão de absorver a língua e deixar-se absorver por ela, de "talento". Talvez se trate de um aspecto daquilo que os teólogos chamam de "graça". Aquêles entre nós que dispõem de pouco "talento" nadam cega e surdamente dentro do rio da língua, alimentam-se dêle e o alimentam sem ter consciência disso. Desconhecem, portanto, a realidade. Outros têm os ouvidos atentos ao primeiro aspecto da língua que mencionei, são espíritos analíticos e querem libertar-se dos esquemas epistemológicos impostos pela língua, que reconhecem tautológicos. Outros ainda são sensíveis à qualidade poética da língua e se realizam (entram em contacto com a realidade) graças a ela. Outros, por fim, são capazes de perceber a voz que transcende a língua através dela, êles têm o talento da fé. Se pudéssemos autenticamente reunir êsses três aspectos, se pudéssemos autenticamente conquistar a língua? Não seria isto uma vitória sôbre a loucura, o nojo e o inferno, dos quais falei no início dêste ensaio? Não sei responder a essa pergunta, mas talvez vale a pena fazer o esforço e seguir o conselho do oráculo: Conheça-te a ti mesmo, isto é, estude a língua dentro de ti mesmo.

Um poema romântico alemão contém a seguinte frase: Verborgner noch, um mehr gesucht zu sein, verbarg Er in die Toene sich hinein. Parafraseando êste citado, diria: — Mais escondido ainda, para ser mais procurado, Êle se escondeu nas palavras.

IV CONGRESSO NACIONAL DE FILOSOFIA

(Em comemoração do centenário de FARIAS BRITO)

Foi o INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA incumbido pelo Governo Federal de promover um congresso de Filosofia comemorativo do primeiro centenário do nascimento de um dos mais ilustres pensadores brasileiros, Farias Brito.

Sabedor dos propósitos da Universidade do Ceará de prestar ao grande filho do Nordeste o tributo de sua justa admiração, o Professor Miguel Reale, de acôrdo com a direção nacional do I. B. F., resolveu que fosse:

- a) Fortaleza a séde do certame, programado para o período de 5 a 11 de Novembro;
- b) e realizado em colaboração com a Universidade do Ceará e com a secção cearense do I. B. F.

Nêsse sentido desenvolveram-se os entendimentos entre o Presidente do Instituto e o Magnífico Reitor da Universidade do Ceará, Prof. Antonio Martins Filho, o qual acolheu com entusiasmo a idéia, pondo a serviço do alto empreendimento o seu conhecido dinamismo, para que se revista do maior brilho o pleito de admiração do Brasil pelo filósofo de "*O mundo interior*".

Assentes as bases preliminares do Congresso, ficou constituída uma Comissão Executiva formada por representantes da secção-séde e secção-cearense do I. B. F. sob a presidência do Professor Antonio Martins Filho, e vice-presidência do Professor Miguel Reale, Secretaria Geral do Professor Paulo Bonavides, e mais quatro elementos indicados por ambas as secções.

Para o certame serão convidados alguns ilustres pensadores estrangeiros, que já se dedicaram ao estudo da obra de Farias Brito, esperando-se o comparecimento de Franco Lombardi, Luigi Bagolini, Delfim Santos, Elias Tejada Espinola, Fred Sturm, e outros, devendo comparecer a Fortaleza as figuras mais representativas do pensamento nacional.

O I. B. F. está certo de que pode contar com a colaboração oficial de tôdas as Universidades brasileiras, assim como das entidades nacionais dedicadas aos problemas da Filosofia.